

UMA CANÇÃO VINDA DO MORRO, PARA UMA LEITURA TEOLÓGICA E SOCIOLÓGICA DA VIDA

A SONG FROM THE HILLS, FOR A THEOLOGICAL AND SOCIOLOGICAL READING OF LIFE

*André Luiz Lemos**

Resumo: Uma canção tem muito a nos ensinar. Não são apenas palavras, melodia e ritmo. É uma forma de fazer teologia. Adentrando na canção “Acender as velas” (1965) na voz de Nara Leão, notamos uma teologia pastoral que necessita olhar para a realidade dos morros e ser capaz de trabalhar, de ajudar. Diante de condições péssimas de vida, a canção denuncia o sofrimento e anuncia a morte. Como cristãos, este cenário musical é um grito de exclusão, de sofrimento, de denúncia. O presente artigo faz uma leitura da canção numa visão antropológica, social e teológica. Descrevemos também a realidade atual, seus desafios e a necessidade de uma Igreja em saída.

Palavras-chave: Acender as velas. Sociedade. Teologia. Morro. Morte. Sofrimento.

Abstract: A song has much to teach us. It's not just words, melody, and rhythm. It's a way of doing theology. Delving into the song "Acender as velas" (1965) sung by Nara Leão, we notice a pastoral theology that needs to look at the reality of the favelas and be able to work, to help. Faced with terrible living conditions, the song denounces suffering and announces death. As Christians, this musical scenario is a cry of exclusion, of suffering, of denunciation. This article offers a reading of the song from an anthropological, social, and theological perspective. We also describe the current reality, its challenges, and the need for a Church that goes out to others.

Keywords: Lighting the candles. Society. Theology. Hill. Death. Suffering.

Introdução

O ser humano carece de ser com os outros no mundo. Nos realizamos em sociedade/comunidade. Aristóteles faz uma leitura de como a amizade e a vida em comunidade são essenciais para o ser humano. Para o filósofo da Macedônia, há uma estreita ligação no realizar-se e no ser feliz diante da convivência entre nós (cf. VALLANDRO; BORNHEIM, 1991, p. 199). Estar em relação, gera vida e constrói história no ser humano.

Deus é amor universal, e dado que somos parte desse amor e o compartilhamos, somos chamados à fraternidade universal, que é abertura. Não há ‘outros’, nem ‘eles’, só há ‘nós’. Um ser humano só pode desenvolver-se e encontrar a sua plenitude no dom sincero de si mesmo aos outros. E não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros. Ninguém pode experimentar o valor de viver sem rostos concretos a quem amar (FT, 87).

* Doutorando em Teologia pela PUC de São Paulo. Mestre em Teologia Sistemática pela PUC de São Paulo (2024); possui Especialização em Revisão de Textos pela PUC-MG (2008); possui Especialização em Designer Instrucional pelo SENAC-SP (2023); possui graduação em Teologia pela FAJE - MG (2012), graduação em Filosofia pela FAJE - MG (2007), graduação em Pedagogia (2024) pelo Centro Universitário Única e Licenciatura em Letras (2025) pelo Centro Universitário Única. Atualmente é professor da Faculdade João Paulo II e designer instrucional e revisor de textos EAD da Faculdade João Paulo II. E-mail: lemosal1976@gmail.com

Em comunidade há reconhecimento e acolhimento. Somos humanos quando geramos vínculos de comunhão e reciprocidade dentro do ser comum. “A comunidade resulta de relações pessoais, onde cada um é aceito como é, cada um se abre ao outro e dá o melhor de si mesmo” (BOFF, 2011, p. 26). Ao nos relacionarmos abrimos um horizonte de possibilidades e de significação afim de que eu me encontre no outro e vice-versa. Este encontro produz autorrealização.

Diante do ser inerentemente sociável da constituição do humano, faz-se necessário “a compreensão do papel do homem na sociedade e no meio em que vive e as transformações decorrentes ao longo do processo histórico” (CIZOTO; DIÉGUEZ; PINTO, 2016, p. 9). A realidade possui “*rosto*” (cf. ALVES, 2012, p. 55) e este rosto revela-nos se somos ou estamos em processo de construção social digna. É precisa olharmos a realidade e compreendermos se estamos procurando uma unidade entre nós, ou um grande abismo; um individualidade egoísta. Sozinhos estamos fadados ao fracasso e à extinção. Leonardo Boff diz que “um Deus sozinho é sem beleza e sem humor” (2011, p. 36). Se Deus não é só, porque queremos sê-lo? De fato, temos tristeza e vazio quando não geramos comunidade. Estar junto é garantir; é “reconhecer o rosto do irmão” (ALVES, 2012, p. 54); e lutar para que haja entre nós fraternidade e igualdade. “A afirmação de que nós, seres humanos, somos irmãos obriga-nos a assumir novas perspectivas e desenvolver novas reações” (FT, 128). Há em nós uma dimensão de cuidado e de respeito que aflora no reconhecimento da dignidade do outro. Sem a responsabilidade pelo outro estamos cegos para a vida e para o amor. Como diz Carlos Drummond de Andrade no poema “A noite dissolve os homens”: “a noite desceu. Que noite! Já não enxergo meus irmãos... E o amor não abre caminho na noite” (2012, p. 36). Sem o outro chegamos ao nosso vazio, visitamos nossa cegueira, sentimos o frio do egoísmo.

1. Leitura da canção

Em tempos de tantas formas de egolatria e de não querer caminhar juntos, a canção “*Acender as velas*” de José Flores de Jesus – conhecido como Zé Ketí, nascido em 1921 no Rio de Janeiro e interpretada pela cantora Nara Leão, permite-nos uma leitura antropológica, social e teológica da vida nos morros e nas favelas. A música foi lançada em 1965 e é um

protesto diante da vergonhosa situação social que acomete os morros do Rio de Janeiro¹. As péssimas condições de vida que a população carioca enfrentava nos morros, fez da música um grande clamor. A verdade presente na canção foi motivo de censura pela ditadura militar.

Eis a canção:

Acender as velas já é profissão. Quando não tem samba, tem desilusão.

É mais um coração que deixa de bater. Um anjo vai pro céu.

Deus me perdoe, mas vou dizer. Deus me perdoe, mas vou dizer...

O doutor chegou tarde demais

porque no morro não tem automóvel pra subir

não tem telefone pra chamar

E não tem beleza pra se ver...

E a gente morre sem querer morrer.

Acender as velas já é profissão. Quando não tem samba, tem desilusão.

E a gente morre sem querer morrer, e a gente morre sem querer morrer...

Diante de uma letra tão real e tão necessária para pensarmos o papel social da teologia, faremos deste trabalho, uma hermenêutica da música frente aos desafios do agora e da necessidade de uma Igreja em saída. Em uma análise teológica, a canção servirá de luz para pensarmos nossa responsabilidade para com o outro e a forma que nossa sociedade hoje constrói seus abismos sociais e econômicos.

Durkheim, ao estudar a sociedade, reconheceu a importância dos vínculos que asseguram a vida em grupo, que compõem a ligação entre os homens. Para ele, os laços que unem os indivíduos nas mais diversas sociedades seriam estabelecidos pela solidariedade social. Solidariedade social é a situação em que um grupo social vive em comunhão de sentimentos e ações compondo uma unidade sólida, firme, capaz de suportar as forças exteriores e até mesmo de se tornar mais forte frente à oposição vinda de fora. A solidariedade social segundo Durkheim, se daria pela consciência coletiva, já que é a responsável pela coesão entre as pessoas (CIZOTO; DIÉGUEZ; PINTO, 2016, p. 91).

“Toda verdadeira teologia nasce de uma espiritualidade, vale dizer, de um encontro forte com Deus dentro da história” (BOFF; BOFF, 2001, p. 15). Quando analisamos a história da humanidade, percebemos que não temos feito este encontro com Deus. Desde o princípio temos muita desigualdade e muita contradição na história humana (cf. CIZOTO; DIÉGUEZ; PINTO, 2016, p. 93). Há uma balança que pende de forma fixa para o lado dos poderosos e deixa os fracos desvalidos. A teologia tem de ser “a luz da palavra salvadora sobre a realidade das injustiças” (BOFF; BOFF, 2016, p. 35), gerando no ser humano o desejo de cuidado e de zelo

¹ conforme site de censuras por motivo político:

centrocultural.sp.gov.br/50_cancoes_contra_golpe/MP_Acender_as_velas.html acessado em 18/03/2023 às 11h34

por seu próximo. Olhar o outro e pôr-se no seu lugar, abre o nosso ser para a compaixão e para a solidariedade.

O ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude ‘a não ser no sincero dom de si mesmo’ [62] aos outros. E não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros: ‘Só comunico realmente comigo mesmo, na medida em que me comunico com o outro’. [63] Isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar. Aqui está um segredo da existência humana autêntica, já que ‘a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade. Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas: nestas atitudes prevalece a morte’ (FT, 87).

É interessante quando podemos nos valer de uma canção para falarmos de teologia! Já que o “*auditus fidei*”² abre o nosso ser para a teologia, ouvir a fé dá dinamismo à teologia. As palavras vão construindo os significados e recriando diante do ‘*auditus fidei*’ formas de ouvir a teologia nas situações existenciais que nos defrontamos. “A leitura depende dos olhos. E os olhos dependem da luz” (ALVES, 2003, p. 27). A luz que incide da teologia permite-nos uma reflexão que não é jamais desligada da prática de fé. Quando a literatura apresenta-nos palavras e a sua construção de sentidos, a realidade torna-se um caminho de reconhecimento da revelação de Deus. Portanto, podemos valer-nos de uma música para gerarmos uma grande e importante reflexão teológica.

Efetivamente, a hermenêutica da libertação pergunta à Palavra sem se antecipar ideologicamente à resposta divina. Porque teológica, a hermenêutica se faz na fé, ou seja, na abertura à Revelação sempre nova e sempre surpreendente de Deus, à Mensagem inaudita que pode salvar ou condenar (BOFF; BOFF, 2001, p. 58).

2. A ontologia das palavras na canção

Quando a palavra é vista como capaz de construir sentidos no mundo humano, a música com sua linguagem, permite-nos experimentar pelo audível da palavra situações, experiências, sentimentos e a força de construção que a palavra traz consigo. Até os sons, os ritmos são palavras e despertam em nós um turbilhão de sensações e de pensamentos. Cada palavra ouvida, meditada e experienciada por nós torna-se uma forma de degustar o mundo. A “capacidade de

² É ouvir a revelação, a tradição, a reflexão teológica anterior. Mesmo que os escritos sejam reflexões, especulações, o que se busca não é avançar em tais reflexões, mas coletá-las como um dado constituído. Por isso, chama-se ‘*auditus fidei*’. Ouve-se a fé (LIBÂNIO; MURAD, 1996, p. 94).

degustar o mundo é aquilo a que damos o nome de sabedoria. Sabedoria é usar o conhecimento de forma que o mundo se torne lugar de felicidade” (ALVES, 2003, p. 12).

As palavras contidas na canção “*Ascender as velas*” formam uma prece litúrgica a favor dos pobres e dos esquecidos de nossas favelas e de nossos morros. É uma junção de palavras que abrigam a dura realidade daqueles que vivem de desencanto. Diante de realidades tão desiguais e tão desumanas, as palavras pedem socorro para aqueles que nunca são ouvidos. Um misto de sociologia e de teologia para falar daqueles que só podem a morte esperar.

Não posso imaginar nada mais horrendo que se possa falar contra Deus, pois é inimaginável que um Deus de amor castigue, com sofrimentos eternos, pecados que foram cometidos no tempo. E esses maledicentes ainda justificam seus boatos dizendo que Deus faz isso por ser justo, sem se dar conta de que a justiça divina é aquilo que Deus faz para curar a sua criação de qualquer tipo de sofrimento. É Jesus que diz: ‘Se vós, sendo maus, sabeis dar presentes bons aos vossos filhos, quanto mais Deus! (ALVES, 2012, p. 71).

A teologia diz que o homem é o beneficiário da salvação. A canção fala da impossibilidade de que a vida presente traga uma salvação para o povo que só consegue ver e sentir a morte. Salvação é vida e “vida em abundância” (cf. Jo 10, 10). Vida e paz caminham juntas; se dão as mãos, buscando a realização do humano. A realização do homem é o acontecer do plano de salvação de Deus. Quando o salmista pergunta: “O que é o homem para Deus tratá-lo com tanto carinho?” (Sl 8, 5), ele quer justificar o agir benevolente de Deus a favor da salvação do homem. E o que é a salvação? “É a felicidade sem fim, num oceano de realização que não conhece margens, num fascínio recíproco extasiante, numa vida eternamente plena” (BOFF, 2011, p. 138). A grandeza de Deus acontece diante da dignidade do humano. Quando há entre os homens o amor, Deus se faz conhecer dizendo-nos que ele habita “o universo inteiro a que damos o nome de alma. É nesse mundo que moram o amor, a bondade, a beleza. Nele se encontram as fontes da alegria” (ALVES, 2003, p. 12).

A canção começa dizendo: “acender as velas já é procissão; quando não tem samba, tem desilusão”. Diante de tantas mortes e de tantas situações de violência que as pessoas carentes convivem, a recorrência da dor gera uma profissão: acendedor de velas, anunciando mais uma morte. Na luz da vela habita a treva do coração. A vela não ilumina, mas aponta a morte causada pelo descaso de nossa sociedade. É a vela acender que anuncia uma “dor sem remédio” (PRADO, 2003, p. 34). A dor impede o samba – que é a alegria de viver – acontecer. O samba é o dono da alegria, que reúne as pessoas e forma ritmos com a vida. É a reunião, é o sorriso, é o encontro... “são famílias batucando e cantando sambas” (LINS, 2012, p. 45). Quando o samba no morro silencia, as velas da morte acendem sua melancolia. O samba canta a vida, a profissão

de acendedor de velas diante da desilusão evoca a morte! Diante disto, resta-nos o questionamento:

Que potencial libertador se desentranha da fé cristã, fé que promete a vida eterna mas também um a vida terrena digna e justa. A partir das lutas dos oprimidos por sua libertação, que imagem emerge? Que traços do mistério de Cristo se tornam especialmente relevantes? (BOFF; BOFF, 2001, p. 73).

O samba diante de tantas desigualdades sociais, tanta dor e tantas mortes é a sinfonia da alegria evocada pelo rosto daqueles que vivem intensamente o sofrimento. O samba é sonho! Sonho é remédio para uma realidade de tanta dor! Sonho utópico de igualdade social, de respeito, de dignidade. “Somos salvos pelo poder do sonho. Sonhar é o poder que ressuscita os mortos” (ALVES, 2003, p. 130). Quando o samba aparece, a dor se esvai! Contudo, cada samba é um pedido para que a alegria seja maior que a consternação; que a vida seja maior que a morte. Cada samba é o desejo de que “um samba que pudesse ser cantado o ano todo” (LINS, 2012, p. 22) se realize e, assim, nunca mais uma vela seja acesa para anunciar a morte. Quando o samba cessa seu som, a vela ilumina dizendo que há morte no morro!

É preciso permitir-se renascer, pelo poder imprevisível do Vento, a fim de entrar no Reino. É preciso que nos tornemos crianças de novo. Gostaria que a teologia fosse isto: as palavras que tornam visíveis os sonhos e que, quando ditas, transformam o valor de ossos secos numa multidão de crianças. Daí a sugestão que faço: que a palavra teologia seja substituída pela palavra teopoesia: nada de saber, o máximo de beleza (ALVES, 2003, p. 40).

Há um clamor no refrão da canção: precisamos furar a bolha em que vivemos! Precisamos ver fora do nosso mundo. Ficar em nossa bolha é confortável, aprazível. A canção em seu refrão já convida-nos a sair desse conforto. Estamos como diz Adriana Calcanhoto na música “*Esquadros*” (1992) numa “cápsula protetora”; transitando “entre dois mundos”, mas vendo “tudo enquadrado” e num “remoto controle”. A teologia tem de nos retirar dessa situação de passividade diante do sofrimento do outro. Pois, toda teologia tem de ser libertadora na sua essência (cf. GEFFRÉ, 1989, p. 28). Como posso ficar indiferente diante de uma realidade social tão sofrida? A canção “*Acender as velas*” tem de influenciar nosso mundo, tem de ressignificar como olhamos para as desigualdades e como somos cristãos diante de tudo.

O autor compõe a obra e por ela influencia o leitor; a obra influencia, em um relação dialética, o sujeito que a criou e aquele que a lê; o leitor dá um sentido e realidade à obra e, assim, influencia o autor. Ainda mais, o autor vive em um época e em uma cultura determinadas, ele sofre sempre a influência de seu meio, e a obra que ele compôs sofre a mesma influência: da mesma forma, o leitor não está isento das influências de sua cultura. De outro lado, a obra influencia a sociedade na qual ela é lida e, assim, por ela, o autor influencia

seu meio; a mesma coisa se passa com o leitor que, em interpretando a obra e tomando suas ideias, transforma a realidade em que ele vive. Autor, obra e leitor são influenciados pelo meio, mas transformam o mundo em agindo sobre ele (MANZATTO, 1994, p. 36).

Com poucas estrofes, mas de grande intensidade, a canção continua: “É mais um coração que deixa de bater / um anjo vai pro céu / Deus me perdoe, mas vou dizer / Deus me perdoe, mas vou dizer...”. E acrescenta: “O doutor chegou tarde demais / porque no morro não tem automóvel pra subir / não tem telefone pra chamar / E não tem beleza pra se ver... / E a gente morre sem querer morrer”. Há aqui uma junção de grito sociológico e de clamor teológico. Um coração que não bate mais, é uma singular vida que não se repete. Uma vida retirada, leva consigo tantas mais! A pessoa no seu todo é ressignificada aqui pelo coração. Ele para de bater naquele sem vida e bate de dor naquele que perdeu! É preciso deixar “de ocultar a dor das perdas e assumamos os nossos delitos, desmazelos e mentiras” (FT, 78). O coração que deixou de bater alerta-nos que não estamos cuidando do próximo: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10, 29) – indaga-nos a Sagrada Escritura. No “*poema da necessidade*”, Drumond diz: “é preciso viver com os homens; é preciso não assassiná-los” (2012, p. 8). Cada coração é um rosto, uma vida que ao ser tirada é esquecida, pois nunca foi lembrada pela sociedade. Chora quem perdeu... e o mundo continua, como diz o papa Francisco, fechado em suas sombras (cf. FT, 9).

Sem nomes, sem rosto e muitas vezes sem saberem a real causa do coração parar de bater, a canção usa do artifício de chamar os não nominados de anjos. Anjos que vão para o céu. Diante do sofrimento causado pelo coração duro dos homens, aquele que se foi torna-se anjo, no coração amoroso de Deus. Teologicamente, podemos fazer uma alusão a Apocalipse 14, 6 quando diz: “E vi outro anjo que voava no zênite. Ele tinha que proclamar um Evangelho eterno a todos os que habitam sobre a terra”, uma vez que esta epígrafe bíblica anuncia o julgamento. A canção que diz do anjo que sem saber o porquê morreu, evoca o julgamento da vida que não valorizamos e não salvamos. “Deus fez-nos responsáveis, e não a um conjunto de mãos invisíveis; por isso estamos no comando, e a quem muito foi dado, muito será exigido em troca” (HENRIQUES, 2014, p. 158).

3. O peso da canção na nossa realidade

Diante de nossa responsabilidade pela vida do outro que lhe foi tirada, resta uma contrição carregada pela canção de culpabilidade própria diante de Deus. A letra da música pede

perdão a Deus por uma insensibilidade humana. Pede perdão por não compreendermos o Evangelho; por fecharmos nosso olho e silenciar-nos frente às desigualdades.

Uma norma qualquer, por mais divina que se considere, se não nos tornar mais sensíveis à dor do mundo e à felicidade das pessoas, é uma norma que certamente não vem do Deus que Jesus anunciou. Em qualquer caso, a ética de Cristo tem que ser uma ética para a felicidade, para fazer com que nos sintamos felizes por ter nascido, e para torna mais felizes os que estão a nossa volta. Isso supõe tornar-nos mais sensíveis a tudo o que gera ventura ou desgraça, bem-estar ou sofrimento. Nesse sentido, só podemos estar inteiramente de acordo com Richard Rorty quando afirma que a felicidade humana só é possível fomentando o que ele demoninha ‘educação sentimental’: tornando viável a maior sensibilidade dos homens diante da dor e do sofrimento dos que são estranhos a nós (CASTILLO, 2010, p. 58).

Ao fazermos mea-culpa, a própria canção aborda as causas do coração que deixou de bater; do anjo que foi para o céu. A cidade está preparada para os ricos. Os prédios são edificadas para aqueles que têm condições. Há “graves desigualdades” (FT, 125). Uma pequena minoria possui condições de humanidade. “O dinheiro circula com distorções e desvios criadores de desigualdades” (HENRIQUES, 2014, p. 148). O imaginário coletivo preconceituoso gerou o medo de chegar aos morros, aos pobres. A canção evoca isto: o médico chegou quando o tempo já se açodou. Não deu tempo! O coração não foi socorrido; a morte chegou primeiro que o médico. Para salvar não deveríamos medir esforços. “Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartáveis, privadas dos direitos humano fundamentais” (LS, 158) a morte sempre vem carregada de “*sinto muito*”; “*infelizmente não deu tempo*”. O morro, diz a canção, não para automóvel. O morro é feito de ladeiras e de declives que aos olhos assombram e impedem o acesso. “Pobre é que mora no morro” (LINS, 2012, p. 30). Automóvel era no tempo da canção, privilégio de pouquíssimos. Ter automóvel era ter condições financeiras evidentes. Estar no morro é não ter acesso à vida e não ser por ela acessado, assistido. Os caminhos não se cruzam. As vielas separam a vida da morte. O morro é o “lugar de refúgio, santuário de solidão” (ALVES, 2012, p. 13).

Jesus não mediu esforços, anunciou em todos os lugares (cf. Lc 14, 16-24); mostrou-nos a dinâmica do Reino. A salvação do homem estava presente em toda ação. Deslocava-se para qualquer lugar afim de salvar (cf. Mt 4, 23). Em Jesus há uma urgência de amor!

O Evangelho, antes de ser uma mensagem religiosa, é, sem dúvida, uma mensagem para a vida. Não porque o conteúdo do Evangelho venha a prescindir de Deus, mas porque o critério central do Evangelho de Jesus consiste em que a mediação essencial entre o ser humano e Deus é a vida, a humanização da vida (CASTILLO, 2010, p. 58).

As realidades históricas, concretas demandam uma leitura teológica sobre elas, pois a linguagem religiosa sempre aponta para algo a mais. Assim compreendemos que a história da salvação é a história no espaço que temos. Quando na canção diz que no morro não tem telefone que possa ser usado para chamar o socorro, podemos, teologicamente dizer, que não temos ouvidos para o sofrimento do outro. O telefone é uma metáfora usada para produzir o sentido de um povo que no momento da angústia não tem nem para quem chamar. “Será que quem fez o ouvido não ouve?” (Sl 94, 9). Onde está a dimensão da alteridade? Há uma crise nas palavras da canção, pois o sujeito do morro não tem identidade, não tem para quem chamar. Há um vazio existencial! A dor é maior do que ele mesmo. A literatura da canção utiliza-se da metáfora para dizer-nos sobre a solidão!

Ricoeur diz que a metáfora, o símbolo, reconfigura uma realidade inacessível à descrição direta; assim o ‘ver como’ revela o ‘ser como’ do nível ontológico. Pela metáfora e pela narração, a função simbólica da linguagem produz um sentido e revela o ser. Hervé Rosseau tem então razão quando diz que a existência cristã é mais bem expressa, enquanto experiência humana vivida, na literatura que na teologia conceitual. A literatura pode, pois, ajudar a teologia também em sua comunicação com os homens de hoje. Isso recoloca a importante questão da linguagem da teologia (MANZATTO, 1994, p. 82).

Além do morro não ter “*telefone pra chamar*”, não há “*beleza pra se ver*”. Kant “define o belo como aquilo que agrada universalmente sem conceito” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 27). Como voltar os olhos da humanidade para onde não predomina o belo? A canção traz um imperativo carregado de tristeza. Só temos olhos para a beleza! Sem beleza não há felicidade, não há vida – reforça o não ter beleza para se ver da canção. Barracos sobre barracos; fachadas que se quer têm reboco; não há cor, muito menos vida. “Narciso acha feio o que não é espelho” – conforme canta Caetano Veloso em Sampa (1978) – o mesmo acontece com o nosso preconceituoso olhar, que por não sermos do morro, só encontramos beleza onde estamos. “A verdade interior apresenta-se como exterior” (MAY, 1975, p. 27); de fato, externalizamos o que está cheio dentro de nós. Externalizamos que não queremos olhar para o morro e ver a beleza nas pessoas que ali moram. Infelizmente, associamos o feio ao mal com o morro.

Beleza: caráter do que é belo, podendo aplicar-se a coisas, a pessoas ou a obras de arte. O filósofo considera que o belo é aquilo que desperta nos homens um sentimento particular chamado ‘emoção estética’, e acredita que tal sentimento seja inteiramente desinteressado, muito embora seja parcialmente determinado pelos hábitos e pelos conhecimentos: até mesmo as emoções estéticas que sentimos diante de certos espetáculos da natureza dependem, pelo menos em parte, dos valores culturais do momento (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 27).

A ditadura da beleza levou o morro a ser desviado de nossa olhar. Criamos padrões de belo e o que não se encaixa é imediatamente excluído. Contudo, nos esquecemos que “há forma em meio à discórdia, beleza entre feiura e algum amor humano entre o ódio – um amor que triunfa temporariamente sobre a morte” (MAY, 1975, p. 21). A vida é a máxima expressão da beleza; lutar por ela é tornar o belo uma forma *onde* “todos os homens podem conhecer a si mesmos e pensar sensatamente” (MARCONDES, 2005, p. 17).

No texto “*o afogado mais bonito do mundo*”, Gabriel Garcia Márquez relata a chegada de um morto a um povoado e este, mesmo morto, trouxe beleza e vida para os moradores. Tudo foi transformado e ressignificado quando a morte foi vista com “*altivez*” (1972, p. 49). Foram capazes de uma grande revisão de vida e de significação de viver. A canção “*acender as velas*” pede nosso respeito e nossa altivez diante da morte naquele lugar onde o belo nunca nasceu. É um pedido de releitura de nossos padrões de abertura para o outro.

Está claro que, se o próprio Deus viu que para trazer salvação e vida a este mundo teve de se humanizar, todo aquele que quiser trazer algo de luz e esperança a esta terra não tem outro caminho. Ou a ética é ética da humanização ou não é ética que mereça nossa atenção, nosso interesse e nosso respeito. Se a questão for vista à luz trazida pelo cristianismo, o caminho de um comportamento honrado e correto está claro e bem tratado (CASTILLO, 2010, p. 34).

Após repetir o refrão, a canção faz seu desfecho: “*e a gente morre sem querer morrer, e a gente morre sem querer morrer*”. O obstinado é na verdade uma conclusão social: morremos sós, mas gostaríamos de viver. A morte chega e ceifa a história, os sonhos, a vida. É um apelativo que ressoa, uma vez que “a morte é mal maior que a luta” (HOBBS, 2002, p. 49). Não há o que se fazer; não há por que lutar. A morte vai chegar! O morro é a casa de tantos e “a morte é onde mora a saudade” (ALVES, 2012, p. 37).

Diante da morte deve estar toda a razão de luta do cristão: por meio da mensagem central de vida que o Reino de Deus traz, devemos começar neste mundo a criarmos um amor pelo próximo, na luta pela vida que nos permitirá a eternidade (cf. BOFF; BOFF, 2001, p. 22). A palavra vida tem de se encarnar em nós, afim de que a realidade se torne busca por dignidade e por salvação de todos.

Palavras de um tipo especial, que têm o poder de penetrar na carne, fazer amor com ela e engravidá-la. Palavras que são feitas com a mesma substância que o corpo, e que não são reflexos impotentes dentro do espelho... Esse é o único assunto de que trata a teologia. Teologia é ‘jogo de contas de vidro’ cujo tema é o casamento da Palavra com a carne, um poema sem fim sobre o mistério da encarnação. As palavras e a carne fazem amor, e assim nasce o corpo... palavra

e carne, sem separação, sem confusão, e, não obstante, um único corpo (ALVES, 2003, p. 103).

Toda a canção é uma mensagem de socorro diante da morte. Em cada palavra cantada, o sangue escorre diante da realidade. Não compreendemos o Evangelho; não entendemos o ser de Cristo; não fazemos uma opção central pelos pobres... não estamos aptos ao arado (cf. Lc 9, 62). Sempre e sempre olhamos para nossos interesses e nos individualizamos em uma bolha de egoísmo que aceita a morte e vira as costas ao sofrimento do outro.

A ética de Cristo nos desconcentra, nos confunde e não conseguimos explicá-la. Falamos com frequência de amor e de solidariedade. Mas aplicamos isso somente à vida privada, às relações amorosas, à intimidade. E não temos a coragem de afirmar que na vida inteira, tanto na vida privada quanto na vida social e pública, se não é a bondade e o amor que se impõem, fazemos desta vida uma selva, um campo de batalha, um inferno, no qual caem os mais fracos e tiram proveito os que dominam os outros. Sabemos muito bem que todo aquele que pretende situar-se na frente ou acima dos outros provoca divisão, inveja, ressentimentos e, definitivamente, rompe a proximidade entre as pessoas. Ao contrário, aquele que não mostra desejos, nem pretende postos de honra e de importância, somente pelo fato de agir assim, produz uma corrente de harmonia, de união, de humanidade, de proximidade entre as pessoas. Assim somos nós, seres humanos, assim reagimos normalmente, assim nos relacionamos uns com os outros. E são essas coisas que tornam possível a união de todos ou, ao contrário, transformam a vida em um inferno (CASTILLO, 2010, p.117).

Considerações finais

A teologia ao olhar esta canção tem de nos ajudar a fazermos “*uma escuta da palavra de Deus*” (MANZATTO, 1994, p. 53) e não “*uma logologia, uma palavra sem sentido*” (MANZATTO, 1994, p. 53). Cada morte, cada história interrompida pede-nos coragem. “Coragem não é ausência do desespero, mas a capacidade de seguir em frente, apesar do desespero” (MAY, 1975, p. 10). Cada vez que somos capazes de uma leitura de nossa realidade diante do Evangelho fazemos a hermenêutica do amor. O amor torna-nos imortal.

Aristóteles considera que cada ser, no mundo, tem o que ele chama de *ergon* próprio, isto é, uma função, uma finalidade específica, uma missão para cuja realização deve necessariamente estar voltado. A missão do olho, naturalmente, é ver, mas Aristóteles afirma que cada ser se caracteriza por uma *diferença específica*, uma singularidade que o distingue dos outros e determina sua vocação particular. Nessa perspectiva, poderíamos dizer que o gato virtuoso, por exemplo, é aquele que agarra bem o camundongo. A virtude própria do homem é a inteligência em sua forma mais elevada, a que dá acesso à compreensão da ordem harmoniosa do mundo, o que poderíamos chamar de ‘*sabedoria da inteligência*’. Desse modo, *o homem virtuoso por excelência é o sábio*, aquele que não só é filósofo como autenticamente alcança a sabedoria e entende que, entrando em harmonia com a ordem cósmica, atinge uma

espécie de imortalidade. Nesse sentido, o fim da *Ética a Nicômaco* convida-nos a nos tornar *'imortais, tanto quanto possível'* a seres humanos (FERRY; CAPELIER, 2020, p. 107).

A canção narra a história real do descaso. Ao fazermos uma leitura no viés teológico, queremos que a nossa fé leve-nos à dinâmica da teologia; ou seja, a partir da vivência do Evangelho a realidade tem de ser lida e transformada. A minha fé tem de estar em consonância com o ser cristão. Não posso aceitar a morte, já que minha fé é a favor da vida. A teologia não pode se separar do ato de fé. Com tantas expressões de dor que embalam a canção, a realidade precisa ser trabalhada e fundamentada na referência ao Evangelho. Abrir os olhos para a realidade é ver Deus se revelando na história. Em cada morte, em cada vela que se acende há um ato teológico que procura e quer responder a algo: anamnese e profecia. É uma forma de fazer a experiência de Deus na realidade sofrida da canção, em comunidade, para não criarmos os nossos deuses pessoais.

“É fácil teorizar sobre a fome e a miséria dos pobres. Porém, a sintonia proveniente de sua situação desesperada é a experiência dos que compartilham com eles a mesma desgraça” (CASTILLO, 2010, p. 44). De fato, a canção é um pedido para nos colocarmos no lugar do outro; uma experiência de alteridade para não nos escravizarmos que construímos (cf. FT, 27). O valor e o sabor de viver constroem relações humanas dignas que nos afastam de “ver da montanha arborizada a terra da paz sem encontrar o caminho para ela” (MARCONDES, 2005, p. 62). O caminho da fraternidade conduz-nos à terra prometida!

Referências

- ALVES, Rubem. **Lições de Feitiçaria: meditações sobre a poesia**. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. **Pimentas: para provocar um incêndio, não é preciso fogo**. São Paulo: Planeta, 2012.
- ANDRADE, Carlos Drumond. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- BÍBLIA TEB. **Tradução Ecumênica da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 1994.
- BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CASTILLO, José María. **A ética de Cristo**. São Paulo: Loyola, 2010.

CIZOTO, Sonelise Auxiliadora; DIÉGUEZ, Carla Regina Mota Alonso; PINTO, Rosângela de Oliveira. **Homem, Cultura e Sociedade**. Londrina, PR: Educacional S.A, 2016.

FRANCISCO, Papa. **Encíclica Fratelli Tutti**. São Paulo: Loyola, 2020.

_____. **Encíclica Laudato Si**. São Paulo: Paulinas, 2015.

GEFFRÉ, Claude. **Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica**. São Paulo: Paulinas, 1989.

HENRIQUES, Mendo Castro (org). **Bernard Lonergan e a filosofia aplicada**. Lisboa: Universidade Católica, 2014.

HOBBS, Thomas. **Do cidadão**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas**. São Paulo: Loyola, 1996.

LINS, Paulo. **Desde que o samba é samba**. São Paulo: Planeta, 2012.

MANZATTO, Antônio. **Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado**. São Paulo: Loyola, 1994.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **A incrível e triste história da Cândida Erêndira e sua avó desalmada**. Rio de Janeiro: Record, 1972.

MAY, Rollo. **A coragem de criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Recebido em: 12/06/2025

Aprovado em: 25/10/2025